



Identities pela pratica fotográfica do Vista Boa em Boa Vista, em Fortaleza, Cear ¹

Camila Garcia Coelho²

Universidade de Fortaleza – Unifor, Fortaleza, Ceará

RESUMO

Este trabalho   um dos resultados de uma pesquisa descritiva, exploratória, e qualitativa sobre o processo de media o, entre jovens e seu bairro, a partir das fotografias realizadas pelos participantes do grupo Vista Boa em Boa Vista, em Fortaleza, Ceará. Aqui está relatada a experiência do trabalho com fotografia na afirma o de identidades. Apresentamos a imagem como ferramenta de sele o e significa o da memória a partir de um estudo de caso com 11 auto-retratos que carregam elementos identitários de quem os tirou.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia; *Pinhole*; Identidade

1. Vista Boa em Boa Vista

Este artigo foi escrito a partir da pesquisa monográfica *Meu Bairro nas imagens artesanais: Identidade e pertencimento pela prática fotográfica no Vista Boa em Boa Vista*, realizado no primeiro semestre de 2009. Aqui narramos uma etapa da pesquisa participante realizada a partir da prática fotográfica dos jovens de um bairro da periferia de Fortaleza.

Em setembro de 2007, quatro amigos, Marcelo Andrade, Monique Linhares, Wilton Matos e Camila Garcia (autora deste artigo), iniciaram uma experiência de mobiliza o popular, utilizando a fotografia como ferramenta de comunica o comunitária. Na ocasião foram construídas metodologias para trabalhar os aspectos técnicos da imagem e como ela pode fortalecer a organiza o de grupos sociais. Com o apoio de alguns professores da Universidade de Fortaleza - Unifor, o grupo se instalou na comunidade Boa Vista, na periferia de Fortaleza, Ceará, sendo batizado de Vista Boa em Boa Vista.

No grupo os participantes aprendem sobre os princípios da luz, constroem uma câmara escura de papelão, e suas próprias máquinas construídas com caixas de fósforos,

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática 07 – Comunica o, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – Jornada de Inicia o Científica em Comunica o, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunica o.

² Graduada no semestre de 2009.1 pelo curso de Jornalismo da Universidade de Fortaleza – Unifor, em Fortaleza, Ceará.



a partir da técnica *pinhole*³. Após tirar as fotos, de posse delas é realizada uma avaliação sobre os resultados e as dificuldades ao sair para um *fotopasseio*. Em seguida, as fotografias são escaneadas e publicadas na *internet* no endereço www.vistaboamboaavista.blogspot.com.

As atividades se propõem a estimular o trabalho em equipe e a formação de multiplicadores das técnicas partilhadas pelo VBBV, proporcionando o fortalecimento do sentimento de união e confiança entre os jovens participantes do grupo de fotografia. As imagens carregam consigo o poder de denúncia e registro exercido pela arte fotográfica. O Grupo formado por cerca de 20 crianças e adolescentes e se encontra todos os sábados para trabalhar de forma participativa a afirmação de identidades, o sentido de coletividade e a busca da compreensão do cotidiano da comunidade.

2. Particularidades da Fotografia

A fotografia fortaleceu sua existência enquanto expressão artística com os movimentos pictorialista, realista, moderno, contemporâneo e minimalista. Ao mesmo tempo, seus suportes e técnicas evoluíram bastante, concedendo-lhe espaço como prática documental, científica, jornalística, publicitária, artística, de moda, comercial e amadora. Diante desse contexto, muitos são os aspectos passíveis de estudo no que concerne à foto, entretanto, escolhemos abordar sua condição memorialista, característica fundamental presente na constituição de identidades sociais.

A memória compreende um fenômeno que acontece no presente, ligando o tempo vivido com o momento atual. Ela é essencialmente afetiva, por isso é narrada por fatos vagos, particulares e simbólicos, sensível a censura e projeção. A memória pertence ao campo da divagação, portanto, está associada à capacidade de imaginação com base numa ordem de valores culturais evocados por meio de lembranças e imagens (MOREIRA LEITE, 1993).

Para tanto, relatamos não ser possível compreender uma separação entre a imagem e olhar. Não existe uma imagem única ou inerte, pois, ao observarmos algo, o colocamos em ordem dentro do visível, conferindo-lhe um sentido. Sobre este aspecto, a fotografia oferece um código visual diferenciado. Ela representa um extrato temporal de

³ Técnica que utiliza um ambiente escuro com um furo numa extremidade e um material sensível noutro lado. O termo pode significar, também, o espaço por onde a luz passa (do inglês pin-agulha; hole-furo); ou tipo específico de técnica fotográfica artesanal conhecida como “fotografia estenopéica”.



determinada coisa ou ação com limites estético e estático que influenciam diretamente as escolhas sobre o que olhar e como olhar (SONTAG, 2004). Isso por que:

As fotos brincam com a escala do mundo, são também, reduzidas, ampliadas, recortadas, retocadas, adaptadas, adulteradas. Elas envelhecem afetadas pelas mazelas habituais dos objetos de papel; desaparecem, tornam-se valiosas e são vendidas e compradas também. Fotos enfeixam o mundo, parecem solicitar que as enfeixemos também. (SONTAG, 2004, p. 15)

Ao trazerem lembranças de momentos do passado, as fotografias simulam uma realidade que confunde as noções de presença e de ausência entre indivíduos. Ela estimula o resgate das sensações e emoções vividas em tais momentos, diminuindo as distâncias e compartilhando presenças, ainda que estivesse ausente na ocasião a foto em que foi tirada. Tais sentimentos fazem com que fotografias sejam guardadas como relíquias para evocar lembranças sempre que desejado (MOREIRA LEITE, 1993).

Essas relíquias confirmam a participação do indivíduo em determinado evento importante para seu grupo social. Elas expressam o seu pertencimento aquele universo particular mostrado no retrato. Por isso, registrar por fotografias é confirmar a necessidade humana de provar a vivência da realidade. Sontag cita o exemplo de pais que não registram a infância de seus filhos, eles são vistos, geralmente, como desinteressados pelo crescimento das crianças, quase como atitude de indiferença ou desamor. O caráter de participação, também, pode ser observado nas fotos de viagens turísticas, em coleções de álbuns, em porta-retratos e em molduradas nas paredes marcando os ritos sociais familiares (SONTAG, 2004).

3. Pinhole: acaso e experimentação

Os processos de captação de imagens, reprodutibilidade e documentação se agregam e reforçam o entendimento de como a relação homem e mundo se reflete na produção de imagens. Perpassando por um ato simbólico, o conjunto dessas evidências denuncia o discurso tecnológico e as próprias limitações dos sujeitos que registram as imagens. Essas limitações incitam o caráter experimental dos que criam suas próprias representações imagéticas, criando linguagens próprias.

A fotografia artesanal permite ao fotógrafo experimentação, na medida em que cada máquina é única, pois é construída manualmente pelo próprio fotógrafo. Faz-se necessário exercitar bastante para conhecer as propriedades de seu dispositivo. Isso



porque na fotografia registrada por meio do furo de uma agulha, a (i)limitação visual se apresenta. Enquanto nas câmeras convencionais pode-se contar com um visor que funciona como limitador do campo de visão que será registrado em uma fotografia, na câmera artesanal esse visor é a própria imaginação. Desse modo, “com a *pinhole* o olhar se transforma, deixa de ser o ponto de vista da câmera e passa a ser um ponto de vista. Aquilo que a câmera capta é o que existe naquele ambiente, não no olho humano” (GOVEIA, 2005, p. 3).

4. Identidade

A identidade é uma história que se narra, pois corresponde a características escolhidas por quem as reconhece. Representa um conceito subjetivo e mutável, talvez por isso, sua existência seja tão questionada nesses tempos globalizados. Nasce num espaço de disputa constante entre o indivíduo e a estrutura social em que vive, permeados por organizações dominantes que constituem o mercado, a política e os meios de comunicação. Usando outras palavras:

Entende-se por identidade a fonte de significado e experiência de um povo [...] o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda em um conjunto de atributos culturais, os quais prevalecem sobre outras fontes de significado. Para um determinado indivíduo, ou ainda ator coletivo pode haver identidades múltiplas. (CASTELLS, 2001, p. 22).

Múltiplas, pois, ao indivíduo é permitido carregar várias. Ela corresponde há algo formado por meio de processos inconscientes permanecendo sempre incompleta, sendo formada a todo o momento. Surge da falta de completude e da necessidade de preencher um vazio de sentido, o qual se imagina faltar no outro. Dessa forma, Hall afirma que a identidade se constitui a partir da negação, quando sabemos quem somos, diante do que negamos ser. Por exemplo, uma sexualidade ligada à atração pelo feminino, diante da certeza da negação do masculino. “Eu sei o que sou, porque sei o que não sou, [...] sou pobre porque não sou rico” (HALL, 1997, p. 42).

A constituição do indivíduo em sujeito ocorre a partir do momento em que ele percebe a existência do outro no mundo. São elementos que formam a memória e os valores que influenciam os projetos identitários do sujeito. Essa compreensão é anterior a descoberta da necessidade da identidade e ocorre permeada por sistemas de representação simbólica ligados à língua, gênero e a cultura. Mesmo diante de um

universo de diferentes referenciais, ele vivencia sua identidade como se ela estivesse resolvida, completa como um reflexo no espelho (HALL, 1997).

O movimento de constituição das identidades é influenciado diretamente por elementos históricos, geográficos e biológicos, que permeiam as fantasias pessoais e a memória coletiva dos seres humanos, bem como, pelos aparatos de poder das instituições produtivas e reprodutivas da sociedade. Todos esses materiais são processados pelos indivíduos ou grupos sociais, em sua visão de tempo e espaço, permitindo-lhes reorganizar seu significado em razão de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social. Isso não precisa ser planejado, pode ocorrer de forma espontânea sendo percebida como um sintoma social (CASTELLS, 2001).

A atuação dinâmica dos meios de comunicação na construção das identidades deve ser ressaltada, principalmente, ao observarmos sua dinâmica de produção, inicialmente, nos meios massivos que disputam competitividade industrial, competência comunicativa e ideologias profissionais. Os programas de comunicação são concebidos em uma lógica de rotina de produção, níveis de decisão, e estratégias de comercialização que servem a determinados interesses e não podem caracterizar uma influência espontânea e sem pretensão no público que as consome (MARTIN-BARBERO, 2001).

5. Fotografias *pinholes* – auto-retratos

A partir da análise do acervo de mais de 2.000 imagens acumuladas pelo VBBV em um ano e meio de atividades, foram escolhidas 11 fotos para compor esta análise, tiradas a partir da técnica *pinhole*, em máquinas artesanais feitas pelos próprios fotógrafos com caixas de fósforos. Os critérios utilizados para a escolha das imagens foram: imagens de jovens que se auto-fotografam e o tempo de permanência do autor da foto no grupo (deveria ser de pelo menos um ano para que todos possuam níveis semelhantes de conhecimento técnico sobre fotografia *pinhole*). Os autores das fotos selecionadas são: Aline Fernandes, Aline dos Santos, Aurineide Silva, Josieldo Pereira e Thaylane Torres. Os cinco jovens responderam a uma entrevista estruturada e participaram de uma roda de conversas sobre suas imagens.

A metodologia desenvolvida para realização deste trabalho monográfico orienta-se pelos princípios da *pesquisa participante*. Nela o pesquisador encontra-se interferindo na realidade dos envolvidos no estudo de caso. Ele assume a postura de

sujeito na formação do pensamento e na ação reflexiva que sua pesquisa propõe. (THIOLLENT, 1998) Escolhemos apresentar as imagens ilustradas pelo depoimento de seus fotógrafos com a intenção de proporcionar ao leitor indícios sobre a percepção que os jovens do VBBV têm de si mesmos.

A primeira seqüência de fotos mostradas nesta análise compreende três auto-retratos capturados por Josieldo Pereira, estudante, 14 anos. Conforme a primeira imagem da **figura 1**, o jovem aparece por traz de um cordão branco e azul. A imagem apresenta alguns objetos com nitidez, ou foco, isso porque a máquina encontra-se apoiada com estabilidade em cima da mesa. A composição é fruto do acaso, visto que ele não pretendia sair na imagem, mas estava tão concentrado ao fazê-la que seu olhar e o desenho de seu rosto expressam contornos bem definidos. Durante seu depoimento na roda de conversa, o adolescente relatou não ter gostado da imagem assim que a viu, mas mudou de opinião quando seus colegas de grupo a elogiaram a foto, em seguida ela foi publicada pelo jornal O POVO, em matéria sobre o VBBV⁴. Os fatos vivenciados em um ambiente de coletividade fizeram com que ele passasse a olhar seu retrato de outra maneira, valorizando cores e detalhes, tornando a representação uma referencia estética positiva diante dos amigos.

A segunda fotografia da seqüência, apesar de não possuir nitidez, aponta traços de intimidade da vida privada do adolescente. Em um primeiro plano o assunto é o próprio Josieldo, mas atrás ao olhar atentamente, é possível perceber a presença de uma pessoa, relatado pelo jovem como sendo seu irmão. O reconhecimento configura a representação como memória do convívio familiar. (CAETANO, 2007)

Na terceira fotografia da **figura 1**, Josieldo Pereira aparece um tocando violão quase imperceptível na imagem. A falta de nitidez e contornos definidos aliada a definição do autor demonstram quando a prática com fotografia artesanal está a serviço do sonho e da imaginação. Durante a roda de conversa, o jovem disse que considera a imagem um enigma sobre si mesmo. Ele aparece no centro da foto e no segundo plano, ao lado direito tem-se uma porta com reflexos que não são possíveis de explicar, mas que simulam a presença de mais outra pessoa no ambiente da imagem (GOUVEIA, 2008).

O auto-retrato é uma modalidade bem popular entre os jovens da Boa Vista. Todos afirmam gostar e o fazem nem que seja para experimentar e ver se conseguem

⁴ Materia veiculada no Jornal impresso O Povo, no dia 05/04/2009 no caderno Vida e Arte.

obter êxito. Elas revelam essencial da sociedade contemporânea – a de querer se ver através de suportes imagéticos. É como se apreender sua vivencia fosse a prova testemunhal da passagem do individuo pelo mundo. (SONTAG, 2004).

Josieldo Pereira, 14 anos, 1 ano no VBBV

“Essa daí eu queria bater só dos cordões, e aí eu acabei saindo. Assim que a vi não gostei muito não, porque eu não gosto de bater foto minha, tipo auto-retrato, porque eu me acho ridículo, podre, idiota! Eu não queria bater foto minha, eu queria simplesmente bater dos cordões, mas cabei saindo. Mas até que ficou legal né... Ela saiu no jornal, muitas pessoas gostaram da foto e se o povo tá dizendo que é legal, ficou legal. É acabei gostando também.”

“Tava dentro de casa, mais ou menos umas 17h30m. Daí quando a foto saiu, ela saiu meio louca, saiu assim tipo como se a minha cara tivesse se desfazendo. Parece meio estranha, meio louca, meio enigma.”

Figura 1



As fotografias a seguir compreendem em uma sequência de Thaylane Torres, 18 anos, ensino médio completo, desempregada. Eles mostram a garota em três momentos distintos, em pelo menos um ano e meio. Primeiro ela aparece morena com o cabelo amarrado e repartido para o lado esquerdo, depois utilizando uniforme escolar, com cabelos e sobrancelhas loiras, e por ultimo quando já havia terminado o ensino médio, continua loira, mas menos claro, aparece maquiada, com a sobrancelha feita e morena. Em seu depoimento a jovem diz gostar de tirar fotos de si própria porque os retratos acompanham seu crescimento, mudanças no corpo, cor de cabelo e de roupa. Para ela, as fotos comprovam seu desejo por mudança e sua busca por um modelo estético

satisfatório. Tal pensamento acompanha a idéias descritas no primeiro capítulo desta análise, sobre atual existência das múltiplas identidades e fluídas que se apóiam numa existência camaleônica dos indivíduos (BAUMAN, 2004).

Thaylane Torres, 17 anos, 1 ano e 6 meses no VBBV.

“Muita gente diz que eu sou muito de mudar, eu era morena, agora eu tô loira. Eu gosto de tirar a foto para depois comparar, e dizer nossa como mudei, como é que eu era feia! Comparar o antes e o depois.”

“Acho que eu melhorei um pouco, mas ainda não cheguei na minha meta, que é... não sei... a minha meta é um dia chegar e olhar no espelho e gostar do que eu tô vendo. Não que eu não goste hoje mais eu sou muito perfeccionista. E assim eu me acho muito magra e todo mundo acha um defeito em si mesmo. Mas um dia eu quero olhar e dizer: Não (pausa), tá bom assim!”

“Gosto de me fotografar pelo fato de eu ser camaleão. De eu mudar de acordo com o que der na telha, eu mudo bastante, é tanto com roupa, com cabelo, enfim. Porque assim, a gente é bebê depois passa para a fase criança e adolescente, e assim agente vai mudando, e eu gosto de perceber isso as mudanças que vai acontecendo comigo.”

Figura 2



A prática deste tipo de fotografia, o auto-retrato, mais que outras, é realizada a partir da escolha de como o sujeito deseja se mostrar para o mundo. Como gostaria de ser lembrado a partir de seu modo de vestir-se, além das expressões e os gestos que lhe caracterizam. Este aspecto é considerado identitário, pois, reside no campo da

autodenominação. Para que a identidade exista é necessário que o indivíduo reconheça possuir características ou modelos que o distinguem perante a sociedade (CASTELLS, 1999). Sobre isso Aline dos Santos, 18 anos, ensino médio completo, desempregada, manifesta perceber que nunca está desarrumada para se auto-retratar, pois, mostra-se vaidosa e interessada nos pensamentos dos que contemplem seus retratos (**Figura 3**).

Assim como a Aline dos Santos, todos que descreveram seus retratos falaram de si, para além das informações perceptíveis nas fotografias. Porque como explicado no segundo capítulo deste trabalho, as imagens têm o poder de conduzir quem as contempla a uma reflexão, pois elas simulam o congelamento do tempo, não significam somente os traços que possuem, mas principalmente a que ou quem elas remetem. (KOSSOY, 1998)

A seguir dois auto-retratos de Aline dos Santos. Apesar de terem sido feitos em dias diferentes e por motivações diferentes, eles remetem ao seu último ano escolar, pois nas duas imagens a jovem aparece vestida em uniforme do colégio estadual do bairro.

Aline dos Santos, 18 anos, 1 ano e 6 meses no VBBV.

“Um dos meus estilos é justamente o auto-retrato. Eu gosto muito de fazer. Engraçado é que eu sempre saio de cara amarrada! É difícil segurar o sorriso assim, por dez segundos para a pinlux, e eu penso nas coisas engraçadas, só que saio triste nas fotos assim, porque é difícil segurar o sorriso por 15 segundos!”

“Engraçado é que a gente nunca se fotografa desarrumada, despenteada, quando a gente vai tirar um auto-retrato a gente tá sempre maquiada e arrumada e tal (risos). A gente não quer aparecer numa foto feia!”

Figura 3



Na roda de conversa, os participantes concordaram que geralmente escolhem fazer auto-retratos quando montam suas máquinas. Quase como uma escolha automática de experimentação e observação de seu ritmo na contagem do tempo de exposição, numa busca por familiarizarem-se com o equipamento. Este é um dos momentos nos quais eles estabelecem uma relação afetiva com o dispositivo artesanal. Aline Fernandes, 18 anos, ensino médio completo, desempregada, **figura 4**. Colocou para o grupo focal que se preocupa mais com a foto ao utilizar a *pinlux*, comparando-a com uma máquina digital: “Com a câmera artesanal, você tem um cuidado maior, porque com a digital, se a foto não der certo você apaga e tenta fazer novamente, mas com a artesanal, você não vai na intuição de fazer outra, vai na intuição de fazer só uma e toma todo cuidado para que o erro não aconteça.”

A imagem em preto e branco, na **figura 4** foi realizada durante a primeira experiência de Aline Fernandes com a fotografia artesanal. Uma fotografia bastante equilibrada do ponto de vista da composição, uma vez que Aline encontra-se no centro da fotografia, na mesma linha do poste de energia elétrica. No canto esquerdo da imagem tem-se um carro no quadrante inferior e uma caneta esferográfica no superior. Estes elementos de composição demonstram a ação do acaso sobre a fotografia artesanal. Há nesta foto um caráter memorialista, e um referencial de lugar compreendido somente pelos frequentadores da Boa Vista, pois atrás dela temos a *Rua Larga*, ou oficialmente Paula Francinete, o principal acesso a Boa Vista, também, endereço do salão no qual o VBBV encontra-se todos os sábados.

Na segunda fotografia da **figura 4**, verifica-se que os elementos se repetem, proporcionando uma sensação de confusão diante do assunto fotografado e movimento das pessoas presentes na imagem. Isso ocorreu do ato de construção da máquina, quando Aline Fernandes decidiu fazer duas entradas de luz em sua caixa de fósforos, uma experiência de intervenção na captação da imagem só proporcionada por tratar-se da fotografia artesanal. A imagem foi capturada durante atividade de intercâmbio com a ONG Catavento – Comunicação e Educação⁵. Foi a primeira oportunidade de exercitar a multiplicação da experiência do VBBV com fotografia e comunicação comunitária.

A última fotografia (**Figura 4**) é um exemplo de como a técnica *pinhole* pode distorcer a imagem. O rosto de Aline aparece em close, dando a impressão de que ela não possui orelhas. Apenas uma parte de seu cabelo está preso, fato raro, pois

⁵ Instituição que realiza atividades de comunicação e educação com jovens no estado do Ceará a partir de experiências com rádio-escola.

normalmente, ela se apresenta com os cabelos amarrados. Na imagem é como se o resto da fotografia tivesse sido colado em seu rosto.

Aline Fernandes, 18 anos, 1 ano e 6 meses no VBBV.

“Essa foto é a que eu mais gosto, eu gostei muito porque foi o meu primeiro filme e uma das primeiras fotos que eu tirei. Gostei dela, por ser preto e branco, de ter ficado legal, bem visível, se bem que no final parece uma bomba atômica ali (risos em referencia a caneta que aparece no canto superior esquerdo)... Eu me fotografo porque acho que se dá certo comigo primeiro, dará certo com os outros, e é uma forma de experimentar.”

“A foto que eu gosto mais depende do momento, mas é a da máquina de dois furos, porque eu estava experimentando uma coisa nova, que eu não sabia que ia dar certo. Todas as três eu gostei, mas a que eu gostei mais foi a de dois furos. Ter fotografado de cara e já ter dado certo.”

“Essa moça é estranha que nem essa foto. Essa foto foi em um foto passeio no parque das crianças, eu apoiei numa grade que tinha e tinha um monte de menino fazendo "Le parcour" e eu fiquei morrendo de medo que eles pulassem em cima de mim. A luz ficou um pouquinho assim e o tempo eu deixei pouco tempo de exposição, mas deu certo. “

Figura 4



A prática fotográfica representa uma alternativa de comunicação entre o fotógrafo e o assunto fotografado. Isso depende, também, das condições específicas de produção, quais os elementos da estrutura produtiva que deixam vestígios no formato, e os modos como o sistema produtivo funciona e recicla as demandas oriundas dos públicos e seus diferentes usos (MARTIN-BARBEIRO, 2001).



6. Considerações finais

As análises dos depoimentos dos jovens fotógrafos em conjunto com as características levantadas em suas imagens permitem afirmar que o exercício de práticas sociais coletivas correspondem a uma estratégia na busca por pertencimento em um mundo fragmentado pelo processo de globalização e mudança de valores sociais. É como se o grupo de fotografia se configurasse em um espaço seguro de existência para o surgimento de sujeitos cidadãos. O grupo personifica uma entidade híbrida de elementos multiculturais, por estar em contato com tecnologias e realizar intercâmbios com outros indivíduos, mas que recorre a suas raízes na comunidade da Boa Vista para se afirmar perante a sociedade.

No caso da *pinhole* seu processo necessita que o fotógrafo lide com suas expectativas e ansiedade, com ela o resultado é uma surpresa. Ao tirar a foto faz-se necessário interagir com o assunto fotografado, se for uma pessoa, é preciso pedir que ela mantenha-se imóvel por determinado tempo. Em seguida deve-se procurar um apoio para a máquina, pois a mão livre a foto sairá tremida. Depois de capturada, a imagem precisa ser revelada, impressa ou escaneada para então ser reproduzida.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rido de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- CAETANO, Ana. **A fotografia privada nos processos de (re)construção identitária**. Working paper nº 25/2007 apresentado ao Centro de Investigação e Estudos de Sociologia. Portugal: 2007. Disponível em <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/spp/n55/n55a05.pdf>. Último acesso em 05/06/2009.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da Identidade. A era da informação: economia, sociedade e cultura**, v. 2. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- GOVEIA, Fábio. **A decomposição imagética nas fotografias com pinholes**: A imagem pelo buraco de uma agulha. Dissertação de Mestrado em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, 2005. Disponível em <http://fabiogv.wordpress.com/>. Último acesso em 12/05/2008.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A. 1997.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia e memória**: reconstituição por meio da fotografia. In. SAMAIN, Etienne, O fotográfico. Editora Hucitec. São Paulo, 1998.
- MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações – comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: EDUF RJ, 2001.
- MOREIRA LEITE, Miriam. **Retratos de família**: leitura da fotografia histórica 3. ed. São Paulo: EdUSP, 1993.
- SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.